

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LUIDY VINÍCIUS DOS SANTOS FÉLIX

FITZGERALD, A FESTA DO GATSBY E O SONHO AMERICANO: RELAÇÕES ENTRE
LITERATURA E HISTÓRIA NOS ESTADOS UNIDOS DA DÉCADA DE 1920

MARIANA, MG

2026

LUIDY VINÍCIUS DOS SANTOS FÉLIX

FITZGERALD, A FESTA DO GATSBY E O SONHO AMERICANO: RELAÇÕES ENTRE
LITERATURA E HISTÓRIA NOS ESTADOS UNIDOS DA DÉCADA DE 1920

Trabalho de Conclusão de Curso do Instituto de
Ciências Humanas e Sociais da Universidade
Federal de Ouro Preto como requisito parcial para
obtenção de título de Graduação em História.

Orientador: Professor Dr. Jefferson José Queler

MARIANA, MG

2026

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F316f Félix, Luidy Vinícius dos Santos.
Fitzgerald, a festa do Gatsby e o sonho americano [manuscrito]:
relações entre literatura e história nos Estados Unidos da década de
1920. / Luidy Vinícius dos Santos Félix. - 2026.
45 f.: . + Livreto.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson José Queler.
Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Sonho americano. 2. Literatura - História e crítica. 3. Estados
Unidos. 4. Anos 1920. I. Queler, Jefferson José. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 94(73):821.111(73)

Bibliotecário(a) Responsável: Eliane Apolinário Vieira Avelar - CRB6/3044



FOLHA DE APROVAÇÃO

Luidy Vinícius dos Santos Félix

Fitzgerald, a festa do Gatsby e o sonho americano: relações entre literatura e história nos Estados Unidos da década de 1920

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História

Aprovada em 02 de março de 2026

Membros da banca

Professor Dr. Jefferson José Queler - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Mônica Gama - Universidade Federal de Ouro Preto

Prof. Dr. Jefferson José Queler, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 07/04/2026



Documento assinado eletronicamente por **Jefferson Jose Queler, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 07/04/2026, às 11:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1085291** e o código CRC **EAFD70D0**.

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo a oportunidade de ter adentrado à faculdade e poder, neste espaço, desabrochar uma nova pessoa, pois reflito e percebo que finalizo este percurso completamente transformado.

Me sinto radiante pela honra de receber o título de Historiador pela Universidade Federal de Ouro Preto e por poder aprender e adquirir conhecimento em contato com professores renomados, detentores de uma sabedoria esplendorosa, da qual me inspiro para que em minha trajetória docente, consiga como eles, construir um alicerce de saberes para bem propagar a História.

Bendigo a vida de meus pais que tanto me amam e iluminam meus passos. Agradeço a Maria Fernanda, Ester e Laura - amigas que construí ao decorrer desde processo e com elas vivenciei momentos calorosos e divertidos. Em especial, agradeço ao meu orientador, Jefferson, que se dispôs a me auxiliar na construção de um excelente trabalho com todo o rigor e prudência exigidos à condição de historiadores e produtores de trabalhos de pesquisa científica.

Por fim, inspirado pelo Fitzgerald, escritor evocado neste trabalho, finalizo meus agradecimentos com a frase que encerra seu livro *O grande Gatsby* e serve de analogia ao sentimento de anemoia tão presente àqueles que se deleitam com a ciência histórica. “E assim continuamos, barcos contra a corrente, impelidos incessantemente rumo ao passado.”

Obrigado!

“A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem”.

(Louis de Bonald)

RESUMO

Este trabalho visa apresentar as possibilidades do aprendizado histórico por meio da Literatura. Utilizando as obras do escritor e romancista norte-americano, Francis Scott Key Fitzgerald, em especial o clássico “*O grande Gatsby*” (1925), apresentar um panorama dos Estados Unidos na década de 1920 – que se desenvolve quase como uma transição entre ascensão e queda, causa e consequência - com ênfase no desenvolvimento narrativo do “sonho americano”, juntamente com seus aspectos históricos e culturais, elementos que contribuem para a história do país. Ao abordar as relações entre Literatura e História, este trabalho tem por fundamento apontar que para se estabelecer tal relação, se faz fundamental compreender o autor em seu tempo, ou seja, é necessário interpretar as influências e escolhas do escritor a partir do que a sociedade em que ele está inserido está vivenciando. Este estudo contribui para o debate historiográfico no que tange a pluralidade de fontes para a investigação histórica e a importância da Literatura em nossa sociedade.

Palavras-chave: Francis Scott Key Fitzgerald (Fitzgerald); Literatura; Década de 1920; “*O grande Gatsby*”; “Sonho Americano”; Estados Unidos; autor; narrativa; Anos 20.

ABSTRACT

This work aims to present the possibilities of historical learning through literature. Using the works of the American writer and novelist, Francis Scott Key Fitzgerald, especially the classic "*The Great Gatsby*", present an overview of the United States in the 1920s - which develops almost as a transition between rise and fall, cause and consequence - with emphasis on the narrative development of the American dream, along with its historical and cultural aspects, elements that contribute to the history of the country. In addressing the relations between literature and history, this work has as its foundation to point out that to establish such a relationship, it is fundamental to understand the author in his time, that is, it is necessary to interpret the influences and choices of the writer from what the society in which he is inserted is experiencing. This study contributes to the historiographic debate regarding the plurality of sources for historical research and the importance of literature in our society.

Keywords: Francis Scott Key Fitzgerald (Fitzgerald); Literature; 1920s; "*The great Gatsby*"; "*American Dream*"; United States; author; Roaring Twenties; narrative.

SUMÁRIO

I - INTRODUÇÃO.....	8
II - FRANCIS SCOTT KEY FITZGERALD.....	10
III - O GRANDE GATSBY: OS “LOUCOS ANOS 20” E A OBRA DE FITZGERALD.....	17
IV - LITERATURA E HISTÓRIA.....	28
V - ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO.....	36
VI - CONCLUSÃO.....	37
VII - REFERÊNCIAS.....	39

FITZGERALD, A FESTA DO GATSBY E O SONHO AMERICANO: RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA NOS ESTADOS UNIDOS DA DÉCADA DE 1920

I - INTRODUÇÃO

Francis Scott Key Fitzgerald, um autor que se consolidou como a personificação de uma década. Prestigiado postumamente, Francis Scott Fitzgerald - doravante mencionado pelo seu sobrenome, Fitzgerald - foi um romancista da primeira metade do século XX e autor de obras que espelham os anseios e modos de vida de sua época. Reconhecido pelo clássico “*O Grande Gatsby*” (1925), o livro se torna um item nacional dos Estados Unidos, ao retratar o “Sonho americano” e a narrativa do país como uma terra da liberdade e de possibilidades, na qual todos podem ascender e desfrutar.

Fitzgerald vive uma vida repleta de tribulações e contratempos, o que se reflete em seus livros, ao qual, devido os problemas que passou em sua trajetória, escreve apenas cinco trabalhos legítimos, sem contar suas coletâneas. Entre as cinco obras, estão: “*Este lado do paraíso*” (1920); “*Belos e malditos*” (1922); “*O Grande Gatsby*” (1925); “*Suave é a noite*” (1934) e “*O último magnata*” (1941), sendo o último livro um trabalho finalizado e publicado após o falecimento do autor. Tais obras, como já mencionado, refletem a atuação do romancista perante o meio temporal em que vivia, colaborando assim para uma análise histórica do período a partir de seus trabalhos.

Ao utilizarmos a literatura como um instrumento de análise histórica, deve-se atentar-se às influências e percepções do autor da respectiva obra, isto é, não se pode afastar o autor do recorte temporal analisado, mas sim analisar os contextos pessoais que corroboram determinados conteúdo das publicações. Fitzgerald e sua esposa Zelda são considerados o modelo ideal de um casal dos “*Roaring Twenties*”, “Loucos anos 20” ou “Era do Jazz”, expressão cunhada e popularizada pelo próprio Fitzgerald. Ao analisarmos as ideologias, círculo social do casal e modos de se portarem, podemos assim compreender esta década que tanto contribuiu para o país e o mundo.

As consequências da Primeira Grande Guerra, a relação com os pais, jovialidade desenfreada, alcoolismo, correntes ideológicas e políticas, repressão e questionamentos pessoais são algumas das temáticas recorrentes nas obras de Fitzgerald. Mesmo diante de suas

numerosas dívidas e problemas financeiros - pois seus livros não davam tanto lucro -, Fitzgerald era reconhecido como pertencente à alta sociedade na década de 20, período de renome e prestígio social. A partir de situações corriqueiras, Fitzgerald escrevia seus romances sob a percepção atenta da sociedade que o cercava e se transformava, podendo assim se encontrar em meio ao frenético avanço da sociedade.

Jeffrey Meyers, biógrafo americano e crítico literário, em sua biografia sobre Fitzgerald, publicada em 1994, traz um exemplo que relata uma entre inúmeras influências do desenvolvimento cultural e social nas obras do autor. Meyers aponta que Fitzgerald foi um dos primeiros autores a utilizar um carro em cenas dramáticas ¹. E juntamente a utilização de automóveis para as cenas de drama, o álcool – mesmo que proibido na época devido a Lei Seca – movia a maioria destes eventos.

O trabalho executado por Jeffrey Meyers ao reunir os acontecimentos da vida de Fitzgerald expressa um importante modelo para a análise histórica no que tange a literatura, neste caso, a biografia. A biografia é concebida como um espelho social que reflete as ocorrências nas obras literárias, pois narra as singularidades e experiências do indivíduo e ao nos depararmos com tais narrativas, podemos então compreender o porquê de tais escolhas para a composição das obras. Contudo, os livros de um autor não são produtos externos à sociedade pois refletem os eventos vivenciados pelo seu criador que está imerso a esta mesma sociedade.

Como disse o próprio autor, “Todos os meus personagens são Scott Fitzgerald. Até as personagens femininas são Scott Fitzgerald”. Portanto, nesta análise histórica dos Estados Unidos na década de 1920 sob o viés das obras literárias de Francis Scott Fitzgerald, tendo como plano de fundo a biografia do autor, busco analisar como Fitzgerald expressava suas vivências em sua literatura, construindo assim uma narrativa da década que se consolidou como expressão deslumbrante e fidedigna da prosperidade Americana. Juntamente, apontar os métodos historiográficos que permitem o aprendizado e compreensão de determinado assunto por meio da literatura, podendo assim utilizar o romancista porta-voz de uma geração neste trabalho de conclusão de curso.

¹ MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 89.

II – FRANCIS SCOTT KEY FITZGERALD

No dia 24 de setembro de 1896 em St. Paul, Minnesota, nascia Francis Scott Key Fitzgerald, aquele que viria ser um dos principais romancistas do século XX. De forças conflitantes, é gerado sob as grandes influências de seus parentes, tanto da parte paterna quanto a materna. Ambos os católicos, seus pais carregam características que influenciam diretamente Fitzgerald. Seu pai, Edward, era de Maryland e defendia os valores de berço do velho sul, enquanto sua mãe, Mary (Mollie), era filha de imigrantes irlandeses e representava o lado abastado da família de Fitzgerald.

Mesmo diante dos conflitos frequentes entre seus pais, Fitzgerald desde cedo foi rodeado por um círculo social que lhe garantia oportunidades para desenvolver sua glamourosa literatura. Recebe o nome de Francis Scott Key em homenagem a um primo distante, poeta, que cria *The Star-Spangled Banner*, o hino dos Estados Unidos, presente no poema "*Defence of Fort M'Henry*" de 1814 ². Juntamente a este fato, fica marcado desde seu nascimento pelo falecimento de suas duas irmãs, Mary e Louise, que morrem subitamente durante uma epidemia, três meses antes de Scott Fitzgerald nascer ³.

Quatro anos mais tarde nasce uma outra irmã, mas que vive por apenas uma hora. Tais acontecimentos marcam Fitzgerald e o colocam sob a condição de fazer valer sua existência em honra a perda das irmãs. Sentimento que se confirma na afirmação do próprio romancista: "Três meses antes de eu nascer minha mãe perdeu suas duas filhas e acho que isso veio antes de tudo, embora não saiba exatamente como funcionou. Acho que comecei então a ser um escritor." (MEYERS, 1996, p.19) ⁴.

Enquanto criança, Fitzgerald era mimado e teimoso, tinha conflitos diários com sua mãe, mas gostava de seu pai, ao qual o considerava um *gentleman*. Edward vivia sob a sombra de Mollie, pois era a mãe de Fitzgerald que supria as necessidades financeiras da família, enquanto o pai vivia sem dinheiro - característica que se reflete na fase adulta de Fitzgerald -. Seus dois primeiros livros, "*Este lado do paraíso*" e "*Belos e malditos*" publicados em 1920 e 1922 respectivamente, são as obras que mais possuem referências da vivência familiar de Fitzgerald.

Devido à desaprovação de sua mãe, em "*Este lado do paraíso*" (1920), Fitzgerald cria sua mãe ideal na figura da personagem Beatrice Blaine, mulher elegante, charmosa, detentora

² *Ibid.*, p.17

³ *Ibid.*, p.19.

⁴ *Ibid.*, p.19

de grande cultura e bem-educada, o oposto de sua mãe Mollie ⁵. Sendo esta sua primeira obra, desenvolvida ainda nos períodos da universidade em Princeton e publicada em 1920, com apenas 24 anos, para espanto de todos se torna um *best-seller* rapidamente, vendendo 50 mil exemplares em menos de dois anos, como aponta Daniel Piza no prefácio do livro de edição de 2011 da editora Best Bolso ⁶.

Em consequência da perda do emprego de Edward, pai de Fitzgerald, sua família retorna para St. Paul em Minnesota. Com cerca de 13 anos, na Academia St. Paul, publica seu primeiro texto, "*The Mystery of the Raymond Mortgage*" mas devido ao fraco desempenho de Fitzgerald nos estudos, seus pais o colocam em Newman, um rigoroso colégio interno católico de Hackensack, em Nova Jersey. Em 1911 ingressa neste colégio. Passado um ano, em 1912, Fitzgerald desenvolve uma grande amizade com o padre Sigourney Fay, que passa a ter interesse paternal por ele e o ajuda a fortalecer suas crenças religiosas, reconhece seu talento excepcional e o estimula a percorrer o sonho de escritor ⁷.

Com 17 anos, Fitzgerald entra na universidade de Princeton em 1913, possibilidade que surge após o falecimento de sua avó materna, Louise McQuillan, que deixa uma herança de 125 mil dólares para a filha e mãe de Fitzgerald ⁸. Como afirma Meyers, tal herança livrou Fitzgerald de ter de estudar nas universidades de Minnesota ou Georgetown, a mesma onde seu pai estudou, o que acarretaria exclusão social e um ensino rudimentar e provinciano. Em contrapartida, em Princeton, podia desenvolver suas aptidões literárias devido ao clube do triângulo – grupo da universidade que compunha peças outonais e as apresentava nas cidades do país - e até mesmo participar do time de futebol americano – esporte que apreciava ⁹ -.

Porém, mesmo com o afincamento na escolha da universidade, Fitzgerald acabou não se formando, pois larga os estudos em 1917 para se juntar ao exército durante a Primeira Guerra Mundial. Tal acontecimento instaura um marco em sua vida, pois em 1918 conhece Zelda, por quem logo se apaixona. Devido às consequências devastadoras da Primeira Grande Guerra, Fitzgerald ainda com a maioria recém conquistada, não possuía estabilidade financeira – o que gerava a desaprovação dos pais de Zelda e impossibilitam a concretização do noivado com

⁵ *Ibid.*, p.22

⁶ PIZA, Daniel. Prefácio. In: FITZGERALD, F. Scott. Este lado do paraíso/ F. Scott Fitzgerald; tradução de Brenno Silveira; prefácio de Daniel Piza. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. Pp.9-10.

⁷ MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 32.

⁸ *Ibid.*, p.35

⁹ *Ibid.*, p.36

sua amada -. Porém, mesmo diante a ausência de recursos monetário, acreditava fielmente em seu potencial enquanto escritor ¹⁰.

Na faculdade dizia a todos com convicção de que se tornaria o maior romancista da América. Amigo de Edmund Wilson e John Peale Bishop, companheiros que acompanham sua trajetória até o fim, se tornam também homens renomados em suas áreas. John Peale Bishop (1882 – 1944) se tornou um poeta e é retratado pelo personagem Thomas D’Invilliers na primeira grande publicação de Scott ¹¹. Edmund Wilson (1895 –1972), mais conhecido pelo livro “*Rumo à Estação Finlândia*” (1940), foi um escritor e crítico literário que enquanto amigo de Fitzgerald e convivendo com outras figuras do cenário literário da época, escreve os “*anos 20*”, publicado postumamente em 1987. Wilson em seu livro também aborda a pluralidade e os avanços da década, com enfoque sob a vertente da “América embriagada às escondidas”, o autor foca na resolução de tal desenvolvimento com a Queda da Bolsa de valores em 1929 ¹².

Além destes dois grandes amigos que faz em Princeton, Fitzgerald em seu círculo social interage com diversos escritores da década, e juntos, representam a “Geração Perdida”, termo criado por Gertrude Stein, mas popularizado por Ernest Hemingway, -outro amigo de Fitzgerald – em seu Livro “*O sol também se levanta*” (1926) ¹³. A “Geração Perdida” caracteriza um grupo de indivíduos que alcançaram a maioria no período da Primeira Guerra e enfrentaram as turbulências das mudanças constantes da década de 20 até a Grande Depressão. Após a popularização do termo por Hemingway, passa a referenciar também o grupo de escritores expatriados que foram para a Europa, mais especificamente em Paris – cidade para a qual Fitzgerald se muda com Zelda em 1924.

A literatura na década de 20 nos Estados Unidos era marcada pelo Imagismo, movimento que antecede o modernismo do qual Fitzgerald faz parte. O imagismo valorizava a transmissão clara, diante um novo século que se iniciava, propunha uma aproximação simples, contrário ao Romantismo que pregava o sentimentalismo e as narrativas rebuscadas e

¹⁰ PIZA, Daniel. Prefácio. In: FITZGERALD, F. Scott. Este lado do paraíso/ F. Scott Fitzgerald; tradução de Brenno Silveira; prefácio de Daniel Piza. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. P. 9.

¹¹ MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 40.

¹² FREITAS, Vamberto. Edmund Wilson e Nova York nos anos 20. **Wordpress**, 20 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://vambertofreitas.wordpress.com/2019/12/20/edmund-wilson-e-nova-iorque-nos-anos-20/> Acesso em: 18 de jul. 2025.

¹³ Geração Perdida. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o_Perdida Acesso em: 18 de jul. 2025.

complexas. Mediante as influências de tal movimento para a literatura é que Fitzgerald se enquadra no Modernismo, corrente literária que surge posteriormente ao Imagismo.

Embora o ponto principal da “Geração perdida” seja as decorrências da guerra para os então jovens da época, Meyers aponta o seguinte: “Fitzgerald, que era extremamente egocêntrico, não se interessou muito ou compreendeu o maior acontecimento histórico de seu tempo, a Primeira Guerra Mundial (...) o acontecimento todo era incapaz de lhe causar emoção ou interesse”. (MEYERS, 1996, p.51) ¹⁴.

Além do desinteresse, Fitzgerald rejeitou o sentimento de bravura patriótica que inspirava os demais jovens, afirmando que só se alistou pois de acordo a moralidade social, “era o certo a se fazer” ¹⁵. À vista desta indiferença perante a Guerra, Fitzgerald que se saía tão mal no exército, em seu tempo livre se dedicava na produção de seu maior livro até então “*O egoísta romântico*” que acaba publicado como “*Este lado do Paraíso*”. Passados um ano de sua empreitada no exército, de junho de 1918 a fevereiro de 1919, Fitzgerald e o pelotão do qual fazia parte ficam um tempo em Montgomery, no Alabama, onde conhece sua futura esposa, Zelda Sayre ¹⁶.

Zelda, nascida em 24 de julho de 1900, era a representação das *It Girl*, filha de um juiz da suprema corte do Alabama, provinha de uma família importante e respeitada na cidade. Com problemas mentais e um quadro de suicídios e instabilidades mentais na família ¹⁷, ela era diagnosticada com esquizofrenia e tais sintomas desencadeiam a “ruína” de Fitzgerald e sua esposa. Zelda correspondia a modernidade do pós-guerra. Descontrolada, estravagante e egoísta, representava os sentimentos de contravenção e novidade que exalava nos ares à época da prosperidade Americana, assim como no Modernismo, a liberdade e a rejeição dos valores tradicionais.

Uma dama da classe média do extremo sul e um católico irlandês da baixa classe média, mesmo com contextos sociais diferentes, Fitzgerald consegue resumir bem as características de sua relação com Zelda em seu primeiro livro, que como já apontado, seria chamado “*O egoísta romântico*”. Identificados como mimados, irresponsáveis, inconsequentes e indiferentes, a amada de Fitzgerald era o estímulo que faltava para a revisão e publicação do livro, pois ao

¹⁴ MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 51.

¹⁵ *Ibid.*, p.51

¹⁶ *Ibid.*, p.59

¹⁷ *Ibid.*, p.60

perceber a ganância de Zelda – que só se casaria com ele após Fitzgerald adquirir bastante dinheiro – ela rompe o noivado entre os dois ¹⁸.

“*Este lado do paraíso*” anteriormente, “*O Egoísta romântico*”, foi publicado em 26 de março de 1920, bem na abertura da década e se revelou um sucesso instantâneo. Passadas uma semana do lançamento do livro, Zelda e Fitzgerald se casam, atitude da qual Fitzgerald se arrepende imediatamente ¹⁹. Este primeiro livro de Fitzgerald, como aponta, Meyers, “Capta o sentimento de desilusão que se seguiu à guerra” ²⁰. Do mesmo modo como relata sobre a recepção deste primeiro trabalho na biografia que escreve sobre o autor:

Valioso tanto como autobiografia quanto como registro social. O tom atrevido do romance teve um impacto tão grande sobre a juventude rebelde pós Primeira Guerra quanto teve *O apanhador no campo de centeio*, de Salinger, em 1951, e tornou-se uma bíblia e um guia de comportamento quando a década de 1920 começou a rugir. (MEYERS, 1996, p.75)

²¹

O hedonismo foi a mobilização desencadeada após o lançamento de “*Este lado do Paraíso*”. Fitzgerald, por meio de seu escrito, mobilizava a juventude a reconhecer os impulsos juvenis e a independência em meio à repressão, estimulando assim a liberdade para transar e beber, visto a implementação da Lei Seca em 17 de janeiro do mesmo ano. A riqueza e fama repentina de Fitzgerald criaram problemas emocionais e intelectuais, assim como aponta em sua biografia, achando difícil ultrapassar o sucesso magistral de seu primeiro livro, - que esgotou em menos de 24 horas -, precisou de mais 12 impressões ao fim de 1921 e vendeu mais de 49 mil exemplares ²² – tornando assim seu criador um novo rico.

Diferente de outros escritores da época que se voltavam ao pessimismo das consequências da Guerra e as desilusões desencadeadas por ela, como Hemingway – amigo de Scott -, Fitzgerald se voltava a esperança e às possibilidades do início da década. Pois contrário aos demais ensaístas, percebia a aurora de uma nova formulação social, que por consequência do assombro da Primeira Guerra Mundial, almejavam alegria e liberdade. A valorização da juventude, os drinks e noites regadas a champagne e gim, a imaturidade, revelando assim, seu

¹⁸ *Ibid.*, pp.65-66

¹⁹ *Ibid.*, p.73

²⁰ *Ibid.*, p.75

²¹ *Ibid.*, p.75

²² *Ibid.*, p.85

lado infantil e alheio aos problemas, de certo modo, representavam as temáticas de seus escritos, mas, no seu íntimo, desaprovava o modo como vivia, devido sua criação puritana e religiosa.

Precisamente, a primeira publicação de Fitzgerald expressa sua atuação e percepção da sociedade que buscava retornar o espírito de glória após a assolação da Guerra que antecede a década. Zelda compreendia a contribuição de seu esposo como “dotar ‘uma era dolorosa e desesperançada’ de ‘um sentido de trágica coragem’”²³. O sentimento de coragem e defesa da liberdade juvenil acompanha Fitzgerald até seu último escrito em vida, o “*Suave é a noite*”, porém, em sua segunda publicação já é possível acompanhar um amadurecimento das ideias e percepções de Fitzgerald, - evolução essa perceptível na escolha do título da obra -, *Belos e malditos*. Como aponta Meyers, “Enquanto o primeiro romance é espirituoso, irreverente e divertido, o último (*O Belos e Malditos* de 1922) é pesado e trágico, duas vezes mais extenso, menos ‘literário’ e mais equilibrado”²⁴.

O livro *Este lado do Paraíso*, que apresenta a denúncia do capitalismo pelo personagem principal, é substituído pela condenação da riqueza no segundo livro de Fitzgerald. Evocando ainda os problemas do álcool, antes defendidos com alegria pelo autor, mas que ao passo de sua vivência pela década de 20, só amplifica seu alcoolismo, *Belos e malditos* expressa a amargura e os sofrimentos antes ignorados. “É tudo sobre ele e Zelda”, afirmava Wilson, amigo de Fitzgerald e crítico literário. A segunda obra de Fitzgerald, assim como a primeira, é bem recebida pela sociedade e marca a amplitude do autor perante o corpo social, a fama e a riqueza. Vendendo 50 mil exemplares logo nos primeiros meses de lançamento e cerca de 2.500 dólares ao vender os direitos da obra para uma produção cinematográfica.

A publicação do segundo romance garante a Fitzgerald e Zelda o retorno à vida agitada no Hotel Plaza em Nova York, ao fim do ano de 1922. Nesta mesma época, se mudam para Great Neck, evento que inspira Fitzgerald na escrita de seu próximo livro - que viria a ser sua obra-prima. Great Neck, em Long Island, antes da mudança para Hollywood, era a terra das celebridades e dos milionários, onde vivia entre inúmeros ícones, o editor Herbert Swope²⁵. A casa de Swope era conhecida como Land’s End e nela organizava exuberantes e luxuosas festas, as quais inspiraram Fitzgerald na construção das de Jay Gatsby²⁶.

²³ *Ibid.*, p.90

²⁴ *Ibid.*, p.105

²⁵ *Ibid.*, p.116

²⁶ Herbert Bayard Swope. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Herbert_Bayard_Swope Acesso em: 22 de jul. 2025.

O "*Belos e malditos*" se apresenta como o retrato da geração - mas focado apenas nas vivências das altas e médias classes da elite branca – e tal recorde é o retrato da sociedade que tanto evocava as inúmeras possibilidades do *American dream* e a prosperidade coletiva, mas ao mesmo tempo, não se voltavam aos problemas que acompanhavam o decorrer dos anos 20. Fitzgerald, em seu segundo romance, nos conta com ironia a sociedade elegante da qual ele mesmo pertencia, por meio da história do casal Anthony Patch e Glória Gilbert, casal socialite que vivem de modo frívolo e banal, aguardando o dia em que poderão usufruir do espólio deixado pelo avô de Anthony.

Meyers (1996) aponta que acompanhado do sucesso de *Os belos e malditos* e a mudança dos Fitzgerald para Nova York, o romancista pôde agregar o centro da vida literária, conhecendo e interagindo com escritores renomados da época, principalmente os autores pertencentes à "Geração perdida" ²⁷. Entre estes escritores, destaca-se John dos Passos, romancista e pintor que ajuda o "casal da década" na procura de uma casa em Great Neck e que, no mesmo ano de publicação do segundo escrito de Fitzgerald, publica "*A pushcart at the curb*", ao qual, diferente de Fitzgerald, foca nas desigualdades e nas dificuldades da juventude perante o "Sonho americano".

Devido ao sucesso no ano de 1922, em setembro do mesmo ano, Fitzgerald lança sua segunda coletânea de contos, "*Contos da Era do Jazz*", introduzindo assim a popularização do termo. Uma publicação com onze contos, se encontra nesta coletânea algumas de suas melhores histórias para além dos livros, "*Primeiro de maio*", "*O diamante tão grande quanto o Ritz*" e "*O curioso caso de Benjamin Button*" ²⁸ - sendo o último um exemplo do fascínio do autor pela juventude, elaborando um conto a partir de uma fala de Mark Twain, retratando uma história em que o personagem nasce com 77 anos e vai ficando jovem ao decorrer de sua vida, morrendo como um bebê.

Buscando aproveitar ao máximo a onda de sucesso que lhe acompanhava, buscou desenvolver seu apreço pelo teatro, desenvolvendo uma dramaturgia intitulada "*O vegetal*", peça que o romancista acreditava que lhe faria ficar rico, mas que, para sua infelicidade, ao estreiar em novembro de 1923, acaba um fracasso ²⁹. Em contrapartida, nos anos em que viveu em Great Neck, Fitzgerald fez um grande amigo que serviu de inspiração para as suas obras

²⁷ MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 121.

²⁸ *Ibid.*, pp.111-112

²⁹ *Ibid.*, pp.125-128

seguintes, Tommy Hitchcock, astro do polo. “Fitzgerald idolatrava Tommy, que tinha muitas das qualidades que ele queria ter”, afirma Meyers na biografia do escritor ³⁰. E devida tal admiração, foi influência para Tom Buchanan, um dos personagens do próximo projeto de Fitzgerald.

Após o fracasso da tentativa de uma peça com *O Vegetal*, os luxos de Zelda e a bebedeira corriqueira, Fitzgerald foi obrigado a parar de beber e forçado a desenvolver contos até pagar as dívidas. Por cinco semanas seguidas, escrevia por doze horas, buscando assim quitar as pendências e retomar a vida luxuosa que tanto lhe agradava. Em maio de 1924, ganhou 16.500 dólares dos contos que produziu para as revistas e pode pagar suas dívidas - visto que, mesmo sempre apertado, nunca deixou de quitá-las – e elaborar uma viagem para a Europa ³¹. Os Fitzgerald na Europa em 1924, passaram um período em Paris, na França e depois se dirigiram para a região costeira no sudeste da França, a Riviera. Afastado das noites badaladas de jazz e bebidas, o escritor pôde trabalhar intensamente no seu maior romance, *O Grande Gatsby*.

III - O GRANDE GATSBY: OS “LOUCOS ANOS 20” E A OBRA DE FITZGERALD

A década de 1920 para os Estados Unidos foi um período de extrema importância para a ascensão do país perante o mundo e a consolidação da grande potência ao qual hoje é conhecido. Nestes dez anos, devido ao desenvolvimento e as inúmeras transformações, em especial no âmbito cultural, as ideologias e o modo de vida de toda uma sociedade sofreram bruscas transformações, que logo se estenderam a todo o globo, estimulados pelo slogan convidativo da década, “*The American way of life*”, um apelo ao nacionalismo do consumismo.

O desenvolvimento expressivo dos Estados Unidos na década de 1920 é consequência direta da Primeira Guerra Mundial que se estendeu de 1914 a 1918, um acontecimento que se destaca nos anos iniciais do século XX. Os Estados Unidos entram na Primeira Grande Guerra em 1917, apoiando seus aliados da Tríplice Entente, composta pelo Reino Unido, França e Rússia, e sua participação foi decisiva para a conclusão do conflito e vitória das forças aliadas. Ao fim do conflito, os Estados Unidos se tornam o verdadeiro triunfante, pois sua participação

³⁰ “Tommy tinha a fortuna, a classe social e a fina educação (...) combinadas com a boa aparência, a aptidão atlética e a heroica folha de serviço de guerra de Ernest Hemingway.
MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 124.

³¹ *Ibid.*, p.128

possibilita o desenvolvimento do país, atuando como um credor na reconstrução e desenvolvimento dos demais países que finalizaram a guerra de forma devastadora e brutal, economicamente principalmente, em contrapartida, os EUA saem prósperos, podendo assim ampliar seu domínio ³².

E, mais importante ainda, os Estados Unidos [nos anos 1920] eram livres compradores de todos os tipos de títulos estrangeiros, bons, ruins, ou indiferentes - um franco prestamista para os investimentos do restante do mundo. Em certa medida, os Estados Unidos atuavam, por meio dessa generosa política de empréstimos ao exterior, como um vaso condutor das poupanças dos europeus mais cautelosos que tinham menos confiança na sua própria prosperidade do que a América; tanto que as emissões de bônus estrangeiros eram geralmente financiadas pelos recursos de curto prazo que o restante do mundo, por motivos de segurança ou liquidez, depositava em Nova Iorque. (Keynes, 2000: 9-10)³³

Eric Hobsbawm, historiador britânico, em seu livro “Era dos extremos” (1994), ao explicar o colapso econômico ao fim da década de 20, reflete como o desequilíbrio da economia internacional, afetada pela Grande Guerra, e a despreocupação dos EUA, resumem este período.

O sistema mundial, pode-se argumentar, não funcionou porque, ao contrário da Grã-Bretanha, que fora o centro antes de 1914, os EUA não precisavam muito do resto do mundo, e, portanto, outra vez ao contrário da Grã-Bretanha, que sabia que o sistema de pagamentos mundiais se apoiava na libra esterlina e cuidava para que ela permanecesse estável, os EUA não se preocuparam em agir como estabilizador global. Não precisavam muito do mundo porque, após a Primeira Guerra Mundial, tinham de importar menos capital, trabalho e (em termos relativos) produtos do que nunca — com exceção de algumas matérias-primas. Suas exportações, embora internacionalmente importantes — Hollywood praticamente monopolizou o mercado de cinema internacional — davam uma contribuição muito menor à

³² SIMON, Silvana Aline Soares. Do Isolacionismo ao Intervencionismo: A participação dos Estados Unidos nas Grandes Guerras Mundiais do século XX (1914-1945). *Videre*, Dourados, MS, ano 3, n. 6, p. 69-85, jul./dez. 2011

³³ KEYNES, John M. 2000. "Uma análise econômica do desemprego". *Revista Perspectiva Econômica*, Vitória, U1-ES. v. I, n. O. p. 7-34.

renda nacional que em qualquer outro país industrial. (HOBSBAWN, 1995, P.84) ³⁴

Estes eventos marcam o início de um período conhecido como os *Roaring Twenties*, os “Loucos anos vinte”, difundindo um ideal nacional do consumo, modo de vida vibrante e luxuoso, com anúncios e propagandas representando famílias da classe média e alta, felizes em volta de eletrodomésticos e passeando em seus grandes carros de luxo, são alguns dos exemplos que caracterizam esta década. Ao decorrer destes dez anos, acontecimentos significativos ocorreram e que refletem em nossa sociedade atual, como a transição do cinema mudo para o falado e o ganho do voto para as mulheres com o Sufrágio Feminino;

A atuação de figuras célebres da época como Charlie Chaplin e Clara Bow – atriz considerada a primeira *It-girl*³⁵ de Hollywood ³⁶, que serviu de inspiração para uma revolução que desafiava as convenções da época e modo de viver das mulheres, *the flappers*, movimento conhecido também como melindrosas, que se caracterizava pela adoção dos cabelos curtos, o uso de bastante maquiagem e sombras chamativas, vestidos curtos inspirados em Coco Chanel e colares de pérolas. Assim como Clara Bow, outra mulher que se destacou na representação deste modelo de liberdade feminina foi Zelda, esposa de Scott Fitzgerald.

Junto às Melindrosas, outro movimento que modificou a época foi a implementação da Lei Seca, que proibia a venda, produção e consumo de bebidas alcoólicas. Tal proibição propiciou o aumento do crime organizado e do alcoolismo, revelando assim a ascensão de Al Capone, gângster americano conhecido também como “*Scarface*”, que controlava a distribuição de bebidas alcoólicas ilegalmente, possibilitando o fervor da vida noturna nos Estados Unidos ³⁷. Em decorrência, as elites passam a frequentar as casas noturnas e bares clandestinos, conhecidos como *Speakeasies*, tendo contato com a música negra da época, ocorrendo a emancipação do jazz, estilo musical que dá nome à década, personificado na figura de Louis Armstrong.

³⁴ HOBSBAWM, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991 / Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 84.

³⁵ It-girl caracteriza uma definição utilizada para referenciar mulheres que despertam tendências e influenciam - mesmo que sem querer - através do glamour, estilo, carisma, personalidade e estilo de vida. O termo se popularizou em 1927, com a estreia do filme “*It*”, estrelado por Clara Bow. Na comédia romântica, o conceito é entendido como definido como algo tido por alguém que possui uma atração magnética, autêntica e irresistível.

³⁶ LEAL, Carla Marinho. **Clara Bow: Conheça a História da Primeira “It Girl” do Cinema Mudo.** Cinema clássico, 2016. Disponível em: <https://cinemaclassico.com/curiosidades/clara-bow-the-it-girl/> Acesso em: 23 de jul. 2025.

³⁷ Al Capone. FBI, 2016. Disponível em: <https://www.fbi.gov/history/famous-cases/al-capone> Acesso em: 04 de jul. 2025.

Fitzgerald em meio à urbanização e todo este avanço cultural, reafirma tal desenvolvimento em suas publicações por meio de suas experiências e escolhas pessoais. O ano de 1924 representou um marco em seu casamento. Devido à maternidade e aos cuidados para com Scottie, Zelda -frívola a seu modo – temia não possuir a beleza e jovialidade que possuía antes de se tornar mãe, então enfrenta uma série de adultérios com o aviador da marinha, Édouard Jozan. Em outubro de 1932, Zelda publica seu primeiro e único livro, “*Save the waltz*”, tal livro para Fitzgerald, era a confirmação do adultério de sua esposa, como aponta Meyers ³⁸.

Maxwell Perkins, editor que “descobre” Fitzgerald e passa a ser seu amigo íntimo e parceiro de revisão das obras do romancista, ao final do ano de 1924, recebe a versão datilografada de *O grande Gatsby* e de modo entusiasmado aponta a grandiosidade do então mais novo escrito de seu amigo. Meyers na construção da biografia de Fitzgerald, afirma:

O romance revela um novo e perfeito domínio de seu material, um enredo fascinante, no mínimo sensacional, uma habilidade keatsiana para evocar uma atmosfera romântica, um elenco de personagens memoráveis e profundamente interessantes, uma sátira social incisiva e espirituosa, um emprego surpreendentemente eficaz de alusões, um conteúdo extravagante e um estilo delicado que parece tão atual hoje como o foi há setenta anos. (MEYERS, 1996, p.143) ³⁹

Influenciado pelos escritores britânicos, Compton Mackenzie e H. G. Wells, em seu terceiro livro, Fitzgerald buscava satirizar o universo da elite, que ele tanto se esforçou a alcançar ⁴⁰. Porém, a maior inspiração de Fitzgerald para o sucesso de seu maior trabalho, de acordo com ele, foi a imersão diligente das obras de Joseph Conrad, com quem afirma ter “aprendido muito” ⁴¹. *O grande Gatsby* sendo mais ficcional que autobiográfico, ainda conta a própria história do autor “refletindo sobre as características desumanas e arrogantes dos ricos e sobre a impossibilidade de se tornar um deles”, como afirma Meyers ⁴².

³⁸ MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 137.

³⁹ *Ibid.*, p.143

⁴⁰ *Ibid.*, p.145

⁴¹ *Ibid.*, p.143

⁴² *Ibid.*, pp.145-146

Publicado em 10 de abril de 1925, *O Grande Gatsby* conta a história de Jay Gatsby, homem misterioso e milionário que se reinventa acumulando uma grande fortuna para conquistar sua amada, Daisy, mulher da alta classe de Long Island. Da varanda de sua mansão, fica a observar a luz verde do outro lado do cais e todos os fins de semana organiza festas exuberantes e glamourosas, na esperança de que Daisy apareça, mas ela nunca se faz presente. A fortuna do anfitrião é assunto intrigante, pois ninguém sabe em que atividades se envolveu para tal aquisição - nem mesmo seu criador⁴³. Em determinado momento, Gatsby com o auxílio do vizinho, Nick Carraway, que é primo de Daisy, consegue reencontrar a sua amada, mas este reencontro acaba por culminar em sua morte - ao assumir um crime da mulher que tanto esperou reconquistar. Ao fim, mesmo com o luxo das festas que embalavam toda a cidade, termina sua vida de forma trágica sem luxo ou reconhecimento.

Trazendo à tona a opinião de seu círculo social e a relevância dos principais escritores da época - os pertencentes da “Geração perdida”, como Gertrude Stein, Hemingway e T. S. Eliot – “Todos os melhores autores e críticos da época que admiraram *O grande Gatsby* acreditaram que Fitzgerald fez jus ao seu potencial artístico e concordaram que ele finalmente produziu um grande romance”, afirma Meyers. Porém, diferente de seus livros anteriores, seu terceiro lançamento vende muito pouco – apenas 25 mil exemplares – e revelou ao autor que apenas suas obras não cobririam seus luxos e despesas⁴⁴.

A percepção e frustração de Fitzgerald perante a dificuldade da vida desenfreada, mesmo após uma elevada ascensão é uma entre as temáticas sociais que se desenvolvem em seu romance mais famoso. O sonho americano é uma expressão popularizada pelo historiador e escritor estadunidense, James Truslow Adams, em seu livro “A epopeia da América” (1931)⁴⁵. De acordo com a definição de Truslow, o termo é descrito como "a vida deveria ser melhor e mais rica e mais completa para todos, com oportunidades para todos baseado em suas habilidades ou conquistas"⁴⁶.

O *American Dream* popularizado por Truslow evoca a busca por justiça e igualdade social, “não apenas um sonho por automóveis e altos salários”⁴⁷. Logo, vemos a crítica da

⁴³ *Ibid.*, p.145

⁴⁴ *Ibid.*, p.151

⁴⁵ Sonho americano. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Sonho_Americano#cite_note-LOC-1 Acesso em: 23 de jul. 2025.

⁴⁶ ADAMS, James Truslow. *The Epic of America*. Triangle Books, New York, 1941. P. 37-38.

⁴⁷ ADAMS, James Truslow. *The Epic of America*. Triangle Books, New York, 1941. P.404.

reformulação do termo pela sociedade, ao qual a equivalência e igualdade entre as pessoas é substituída pelo materialismo e a ambição desenfreada. Consequentemente, podemos compreender a deturpação do conceito sendo representada na acumulação de riqueza de Gatsby à serviço de sua paixão por Daisy. Fitzgerald escreve seu terceiro livro anteriormente à compreensão do termo por Truslow, o que possibilita analisar a percepção do autor sob a temática do “Sonho americano” – termo que como já visto, só é amplamente conhecido a partir da década seguinte.

Outra temática social presente na obra é o questionamento acerca do papel da mulher e sua compreensão em meio à sociedade. Estimulado pelas *Flappers* e a difusão da liberdade feminina após a conquista do voto – e principalmente sob a convivência íntima com sua esposa - um dos trechos memoráveis do romance é a fala de Daisy Buchanan acerca do que esperava de sua filha. “Espero que seja bela e louca: uma bela louquinha”, fala real de Zelda ao ver sua filha recém-nascida pela primeira vez⁴⁸. Bela e louca, o efêmero e a inconsequência. Ao retratar as altas classes da década de 20, nosso romancista dá enfoque a emancipação das mulheres em sua nova perspectiva de vida, deixando de lado as desigualdades de que nem todas as mulheres podiam usufruir das propostas que emergiam com as melindrosas.

Gatsby personifica o sonho americano, acreditando que dinheiro e status podem ajudá-lo a recuperar o passado e conquistar Daisy. Sua amada, porém, representa a desilusão deste sonho e a superficialidade das relações humanas pois é extremamente fútil e indiferente aos sacrifícios dos esforços de Gatsby. Este contraste dos protagonistas da publicação também expressam o embate da moralidade e a corrupção ética. O Oeste – de onde vem a maioria dos personagens – representa a moralidade, já o Leste – onde se passa o romance - é a caracterização do desvirtuamento. O romance expõe assim a decadência moral da alta sociedade, ao qual a integridade é sacrificada em prol do prazer e do ganho pessoal.

Estimulados pelas narrativas de prosperidade do solo americano, a urbanização, industrialização e necessidade de mão de obra, possibilitou um boom na imigração para os Estados Unidos. Em 1924, ano em que Fitzgerald se dedica à produção de *O grande Gatsby*, é promulgada a Lei de imigração de 1924, também conhecida como Lei Johnson-Reed, que limitava a imigração por meio de cotas nacionais, buscando as origens nacionais do País,

⁴⁸ MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 96.

valorizando os povos brancos de países da Europa Ocidental ⁴⁹. Inspirado em seu amigo Tommy Hitchcock, Fitzgerald cria Tom Buchanan, homem de família abastada, marido de Daisy e que mantém um caso com Myrtle Wilson – esposa de George, homem que acaba matando Gatsby.

Tom Buchanan representa o racismo da época e a ideia de superioridade da “raça” branca, ao qual, por meio de uma fala do personagem no primeiro capítulo do escrito, Fitzgerald critica tal percepção social. Assim se dá o comentário de Tom:

A civilização está caindo aos pedaços —
irrompeu Tom violentamente. —

Eu me tornei terrivelmente pessimista
quanto às coisas. Você leu A ascensão
dos

impérios de cor, desse sujeito chamado
Goddard?

— Não — respondi, bastante surpreso
pelo tom dele.

— É um livro muito bom, todo mundo
devia ler. A ideia é que se a gente não

tomar cuidado a raça branca vai ser... vai
desaparecer completamente. Tudo coisa
científica, foi comprovado.

— O Tom está ficando todo profundo —
disse Daisy, com uma expressão de

tristeza involuntária. — Ele lê livros
profundos cheios de palavras compridas.
Qual

era a palavra que a gente...

— Bom, todos esses livros são científicos
— insistiu Tom, olhando impaciente

para ela. — Esse sujeito matou a charada.
Se nós, que somos a raça dominante, não
tomarmos cuidado, essas outras raças vão
controlar tudo.

— A gente tem que acabar com eles —
sussurrou Daisy, piscando com força
contra o sol ardente.

— Você devia morar na Califórnia... —
a srta. Baker começou a dizer, mas

⁴⁹ Imigração sem limites. **Imigração durante os loucos anos 20**, 2024. Disponível em: <https://www.boundless.com/blog/roaring-20s/> Acesso em: 24 de jul. 2025.

Tom a interrompeu se ajeitando bruscamente na cadeira.

— A ideia desse livro é que nós somos nórdicos. Eu sou, e você é, e você é e...

— Depois de uma hesitação ínfima, ele incluiu Daisy com um ligeiro aceno e ela

piscou de novo para mim. — E fomos nós que produzimos tudo que é importante

para a civilização. Ah, a ciência e a arte e tudo isso. Entende? (FITZGERALD, 2020, p.38)⁵⁰

Como já citado anteriormente, uma das principais influências de Fitzgerald para a construção de *O grande Gatsby* foi o autor Joseph Conrad – que falece em 1924, um ano antes da publicação do terceiro livro de Scott - e suas obras, aprimorando assim suas técnicas, em especial o simbolismo e o uso de metáforas⁵¹. A reluzente luz verde no cais da casa de Daisy, os olhos penetrantes do Dr. T. J. Eckleburg e o vale das cinzas são três metáforas utilizadas pelo romancista para contribuir à compreensão de sua obra.

A luz verde é a mais importante entre as três alegorias e sintetizam a ideia geral da obra. Brilhando do outro lado do cais, próximo a casa dos Buchanan, a luz esverdeada que Gatsby tanto observa, representa a esperança, o almejo e o sonho de alcançar algo até então palpável, mas que na verdade se encontra inatingível. Nick Carraway, narrador da história, em determinado momento afirma: “e seu sonho deve ter lhe parecido tão próximo que ele dificilmente fracassaria em sua conquista. Ele não sabia que aquele sonho já ficara para trás(...)”⁵². Gatsby sonha em reconquistar Daisy e acredita que tal sonho está em seu alcance, mas ao decorrer da história conseguimos perceber que tal fantasia é impossível de se concretizar. Deste modo, a luz verde, representa uma sátira da sociedade, que propagava a ânsia do consumo infrene e a ideia de conquista por meio do esforço e dedicação, o *self-made man*, retratado pelo anfitrião das exuberantes festas⁵³.

Sob a paisagem cinzenta, os olhos do Dr. T. J. Eckleburg, um grande outdoor com a imagem de gigantes olhos azuis atrás de um par de óculos amarelos, assim é a imagem que

⁵⁰ FITZGERALD, Francis Scott. *O Grande Gatsby*. Antofágica, 2020. P. 38.

⁵¹ MEYERS, Jeffrey. *Scott Fitzgerald: uma biografia*/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 143.

⁵² FITZGERALD, Francis Scott. *O Grande Gatsby*. Antofágica, 2020. P. 213.

⁵³ WOOTTEN, Devon. **O que a luz verde simboliza em O grande Gatsby**, 2023. Disponível em: <https://www.collegetransitions.com/blog/what-does-the-green-light-symbolize-in-the-great-gatsby/> Acesso em: 24 de jul. 2025.

inicia o segundo capítulo do livro ⁵⁴. Narrado sempre de modo grotesco e assustador, lhe dando vida própria, este outdoor penetrante e vigilante que perturba aqueles o veem representa o julgamento da perda de moralidade e a percepção interna do vazio social que encobre o que não condiz com o luxo, as exuberâncias, a aceleração desenfreada e imprudências - revelando a pobreza interior em meio tamanha abundância da prosperidade econômica.

A ideia do protagonista de Fitzgerald é ideal para a apresentação crítica da sociedade por seu idealizador. O adjetivo “grande” utilizado no título da obra, sob a condução do narrador, Nick, aos poucos vai sendo desmistificada e lentamente desconstruída, revelando as hipocrisias. As festas que abalavam a cidade, criadas para atrair Daisy, após o encontro dos protagonistas são substituídas por confusões e morte. Captando o cerne do melhor trabalho de Fitzgerald, Meyers reitera: “Sua obra mais importante mostra o que acontece com as pessoas que perseguem ilusórios sonhos americanos, e como a sociedade (que elas rejeitam) deixa de ampará-las em seu momento de desespero.” ⁵⁵

Mesmo considerado seu maior sucesso, o impacto de *O grande Gatsby* só se realiza após o falecimento de Fitzgerald, popularizando-se após a Segunda Guerra Mundial, nas décadas de 50 e 60 e representado em um filme da obra em 1974. Meyers (1996) aponta, “Em 1980, *O grande Gatsby* chegava à casa dos 300 mil exemplares anuais e as vendas totais dos livros de Fitzgerald haviam alcançado oito milhões.” ⁵⁶. Com tamanho sucesso, é cunhado como um clássico e leitura indispensável na cultura norte americana.

Passada a publicação de seu terceiro livro, Fitzgerald só lança um novo livro 14 anos depois, o “*Suave é a noite*”, em 1934. Ainda em abril de 25, Fitzgerald conhece Ernest Hemingway, também escritor da “Geração perdida”, mais conhecido pelo seu livro póstumo “*Paris é uma festa*” (1964) - livro este ao qual o autor se propõe macular a imagem de Fitzgerald, ridicularizando o romancista ⁵⁷, buscando assim o destruir completamente ⁴⁸. Possuía a reputação de escritor sem nem ter lançado nada ⁵⁸. Tal amizade desenvolvida a partir de um primeiro encontro no Dingo’s Bar se torna uma das principais na fase mais turbulenta de

⁵⁴ FITZGERALD, Francis Scott. *O Grande Gatsby*. Antofágica, 2020. P. 47.

⁵⁵ MEYERS, Jeffrey. *Scott Fitzgerald: uma biografia*/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 376.

⁵⁶ *Ibid.*, p.373

⁵⁷ *Ibid.*, pp.158-159

⁵⁸ *Ibid.*, p.356

Fitzgerald, mas simultaneamente, era uma amizade conflitante e problemática, devida a inveja e constantes ataques de Hemingway a Fitzgerald, que tanto admirava o escritor.

Hemingway invejava a fama literária, o sucesso material e o estilo de vida luxuoso de Fitzgerald, um contraste vívido com sua própria obscuridade e existência um tanto mesquinha. Mas eles tinham personalidades muito diferentes: Hemingway era absolutamente seguro de si, enquanto Fitzgerald, apesar de suas realizações impressionantes, estava cheio de dúvidas sobre si mesmo. (MEYERS, 2020).⁵⁹

Os cinco anos finais da década de 1920 para Fitzgerald se resumiam as festas e a crescente do alcoolismo, que se torna seu estímulo, compensando a exaustão e seus conflitos com Zelda⁶⁰. Em 1927, os Fitzgerald retornaram de Paris para Hollywood, novamente imerso nas festas, é quando Fitzgerald, buscando se vingar do caso de Zelda com o aviador Jozan, se apaixona pela atriz, Lois Moran. Próximo a virada da década, em 1929, Fitzgerald, para sustentar seu estilo de vida junto de sua amada, produzia contos lucrativos para a revista *Saturday Evening post*. Enquanto isso, Zelda se encontrava à beira da crise nervosa que inaugura sua loucura, que se confirma em 1930⁶¹.

Grandes aconteciam na vida de Fitzgerald nos meses de abril em um intervalo de cinco anos. Em abril de 1920 se casa com Sayre, abril de 1925 marca a publicação de *O grande Gatsby* – e continuando tal sequência - em abril de 1930, se desenvolve a esquizofrenia de sua esposa, Zelda. O romancista que representou com glamour a “orgia mais cara da história” como ele mesmo chamou, buscou o vigor para dar continuidade a seus romances, porém, só após passados quatorze anos, lança “*Suave é a noite*”, de 1934.

Novamente um livro com bastante referências pessoal e inspirado nas cartas de Zelda e nos pormenores de Scott, “*Suave é a noite*” - enquanto último livro publicado por Fitzgerald em vida - compara a decadência do escritor com a Queda da Bolsa de Valores em 1929, criticando fortemente o sistema capitalista e sua maquinaria⁶². Entretanto, novamente Fitzgerald não emplaca um sucesso instantâneo – como fez em *Este lado do paraíso* -

⁵⁹ MEYERS, Jeffrey. **Fitzgerald e Hemingway: uma amizade torturada**, 2020. Disponível em: <https://www.thearticle.com/fitzgerald-and-hemingway-a-tortured-friendship> Acesso em: 24 de jul. 2025.

⁶⁰ MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 167.

⁶¹ *Ibid.*, p.215

⁶² *Ibid.*, pp.273-276

conseguindo vender apenas 13 mil exemplares, lhe rendendo 5 mil dólares, culminando em seu esgotamento final, não conseguindo se reerguer.

Em 1936, um dos períodos mais tristes da vida de Fitzgerald, Hemingway – amigo invejoso de Scott –, buscando atacar o romancista afirma: “Ele (Fitzgerald) achava que os ricos eram uma raça especial e charmosa e, quando descobriu que não eram, isso o destruiu tanto quanto outras coisas que também o destruíram”⁶³. Assim como Gatsby, que mesmo com toda riqueza e as festas suntuosas não era bem-visto pelos aristocratas, Fitzgerald, mesmo narrando o luxo e a vida da alta sociedade – que ele também desfrutou – termina sua vida sem o brilho de tais anos, suprimindo tal esquecimento com o álcool.

Após grande prosperidade, a efervescência descrita sob o slogan sedutor do *American dream* e o desenvolvimento contagiante e frenético da sociedade da década de 20, próximo ao seu encerramento, no dia 24 de outubro de 1929, dia conhecido como “Quinta-feira negra”, ocorre a Queda da bolsa de valores. Este evento é consequência da queda abrupta do preço das ações, que perde cerca de 11% de seu valor em negociações que resulta no crescente desemprego, falência de bancos e empresas, pânico, e a perda de mais de 30 bilhões de dólares em dois dias⁶⁴. O arrombo da queda da bolsa marca o início da Grande Depressão de 1930, que como afirma Arthur Miller, dramaturgo norte-americano - conhecido pelo seu casamento com Marilyn Monroe -, “A década de 1930 era o preço que tinha de ser pago pela de 1920”⁶⁵.

Francis Scott Key Fitzgerald, acompanha a ascensão e queda do respectivo período, que do mesmo modo, após anos de júbilo e prosperidade, vivencia um período de extrema desolação. Falecendo no dia 21 de dezembro de 1940, devido um ataque cardíaco, tardiamente é reconhecido como o grande escritor que se dizia se tornar nos tempos de Princeton. Uma vida trágica, que junto de sua amada sintetizaram as particularidades de um breve período, porém repleto de extravagâncias. Assim como a frase que encapsula o fim de seu maior romance, *O grande Gatsby*, Fitzgerald é eternizado no passado, representando o romancista trágico dos “Loucos anos 20”. “E assim continuamos, barcos contra a corrente, impelidos incessantemente rumo ao passado.”⁶⁶

⁶³ *Ibid.*, p.301

⁶⁴ Quinta-feira Negra. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Quinta-Feira_Negra Acesso em: 25 de jul. 2025.

⁶⁵ MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 217.

⁶⁶ Frase que encerra o livro “*O grande Gatsby*”.

FITZGERALD, Francis Scott. *O Grande Gatsby*. Antofágica, 2020. P. 212.

IV – LITERATURA E HISTÓRIA

O que motivou Fitzgerald a abordar a década de 20 como o fez? Na justificativa de sua primeira obra, *“Este lado do Paraíso”*, escreve: “Toda minha teoria em relação à escrita posso resumir em uma frase: um autor deveria escrever para a juventude de sua geração, para os críticos da próxima e para os professores de todo o sempre”⁶⁷. Ao decorrer deste capítulo, retomaremos alguns pontos da vida do romancista para assim compreendermos as relações entre Literatura e História no que tange à compreensão dos Estados Unidos nos *Roaring Twenties*, mas, inicialmente, se faz necessário salientar as razões que possibilitam tal relação.

A História se consolida como uma ciência ao início do século XIX. Neste sentido, na década de 20, surge a Escola dos Annales, corrente historiográfica francesa. Criada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre através da publicação da revista “Annales d'Histoire Économique et Sociale” - abre possibilidade para novas formas de produção e compreensão histórica, por meio da “história-problema” ao invés do enfoque somente de uma história crônica de acontecimentos, a abordagem interdisciplinar e a ampliação das fontes⁶⁸.

Neste sentido, a disciplina História passa a dialogar com outros campos científicos, como a Sociologia e a Geografia, por exemplo. Tal aproximação evoca a necessidade de mudanças no método de pesquisa, ao qual, a ampliação do tecido analítico permite o uso novas fontes, entre elas, a literatura.

As fontes dão ênfase a atuação do homem e possibilitam alternativas que auxiliam a compreensão e investigação histórica, pois como evocava Hobsbawm, “Pois ficava cada vez mais claro que o século XX era o do homem comum, e dominado pelas artes produzidas por e para ele”⁶⁹. Nilton Pereira e Fernando Seffner (2008) compreendem este ampliamiento das fontes como uma “Revolução documental”, ao qual discorrem:

Por um lado, a revolução documental acabou com o império do documento escrito, permitindo que o olhar do historiador se desviasse dos documentos

⁶⁷ Justificativa de Fitzgerald presente em sua primeira publicação *“Este lado do paraíso”*.

PIZA, Daniel. Justificativa do autor. In: FITZGERALD, F. Scott. *Este lado do paraíso*/ F. Scott Fitzgerald; tradução de Brenno Silveira; prefácio de Daniel Piza. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

⁶⁸ MATOS, Júlia Silveira. Da Escola dos Annales à História Nova: propostas para uma leitura teórica. *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia* V. 4, N.1, janeiro-julho de 2013

⁶⁹ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991* / Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 153.

oficiais e das tramas políticas, típicas da história positivista, para uma quantidade indefinível e enorme de vestígios do passado: imagens, filmes, crônicas, relatos de viagem, registros paroquiais, obras de arte, vestígios arquitetônicos, memória oral... Mas, principalmente, a revolução documental dobrou o olhar da disciplina História para aspectos da vida social, antes distantes do olhar dos historiadores, e apenas abordados por determinadas ciências como a Antropologia e a Etnologia.(FERREIRA e SEFFNER, 2008, p. 115)⁷⁰.

Dentre as fontes, encontra-se a Literatura. Similar à História, a Literatura é inerente ao ser humano e se constituiu como um componente presente em todas as sociedades, desde as histórias e lendas folclóricas conhecidas oralmente até os clássicos manuscritos. Mediante as transformações e expressões literárias, encontramos movimentos como o trovadorismo, Humanismo, Classicismos, Romantismo, Realismo entre outros. Cada um, dentro de seu próprio contexto histórico e atuando como um produto social, expressa as sensibilidades de seu tempo. Como aponta o filósofo francês Louis de Bonald “A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem”.

Juntamente aos movimentos literários, ao se utilizar a literatura enquanto uma fonte para a investigação histórica, deve-se considerar a figura do autor das respectivas obras analisadas, buscando dar ênfase à época e aos acontecimentos sociais, políticos e culturais que se manifestam e refletem nas produções. O sociólogo francês Pierre Bourdieu, em seu livro “As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário” (1992), ressalta que a crença no autor como primeira explicação para a obra é um dos métodos mais antigos no que tange à análise da literatura.⁷¹ A partir do esclarecimento de Bourdieu, reafirmamos assim a importância do olhar atento à vivência daquele que produz as fontes literárias.

Como já mencionado anteriormente, Fitzgerald ao decorrer dos *Roaring twenties*, publica três livros, sendo os dois primeiros escritos com mais referências de sua própria vida e o terceiro, *O grande Gatsby*. Se consolidando posteriormente como a obra que melhor representa a década em toda sua essência, é desenvolvida a partir de análises e críticas do romancista perante os Anos 20. Mediante tais informações e buscando esclarecer os vínculos

⁷⁰ PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n° 28, pp. 113-128, dez. 2008.

⁷¹ BOURDIEU, Pierre. Doxa literária e resistência à objetificação. In: As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das letras, 2002. P. 212.

entre Literatura e História, podemos também questionar o porquê “*O grande Gatsby*” ser escolhido para simbolizar os anos prósperos dos Estados Unidos? Ou ainda, por que reviver tal escrito entre diversos outros?

Para responder a tais questionamentos, devemos retornar à vida do autor, como afirma Bourdieu, contestando a crença do “Gênio criador”, ao qual, o sociólogo aponta que um artista não produz de modo isolado, pelo contrário, aponta que a criação é um fenômeno social, amplamente influenciado e inspirado pela estrutura em que está inserido. Em seu primeiro lançamento, o *Este lado do Paraíso* (1920), Fitzgerald faz sucesso instantaneamente, sendo reconhecido como porta-voz da geração ao relatar os sentimentos da juventude que acabava de vivenciar a Grande Guerra. Seu êxito inicial e a riqueza repentina lhe permitem casar-se com Zelda e adentrar o mundo da alta sociedade, no qual convive com este meio de modo mais intenso. As interações possibilitam ao romancista visualizar o que estava encoberto pelo slogan do “*American way of life*”, no esbanjar das noites de festa, nas relações e nas percepções da alta sociedade perante os avanços da época.

No capítulo cinco (*Os belos e malditos* e *Great Neck*, 1922-1924) da biografia de Fitzgerald, escrita por Meyers, ao descrever a construção do segundo livro de Fitzgerald, aponta que o dinheiro desempenhava papel fundamental no romance. Como aponta Meyers, “A riqueza – ou a promessa de riqueza – transforma Anthony numa mediocridade fácil”, visto que, ao saber que seu avô lhe garantiria a herança, decide desfrutar a vida sem preocupações, se isentando do trabalho ⁷². Elaborando um paralelo com a realidade da época, podemos interpretar a analogia da promessa e espera da herança com o desenvolvimento econômico dos Estados Unidos neste período.

Se consolidando como a fábrica do mundo e intensificando a industrialização, o boom estimulado pelo Fordismo e a implementação da linha de produção através das esteiras rolantes, desenvolvida por Henry Ford, ou ainda o Taylorismo de Frederick Taylor, com a gerência científica do trabalho e a alienação do operário por meio dos trabalhos repetitivos, por exemplo, expressam esse sentimento de eterna produtividade. Eletrodomésticos e automóveis eram o chamariz de propagandas convidativas, difundindo o desejo de um consumismo desenfreado. Mesmo auxiliando a Europa a se reerguer, os Estados Unidos ao longo dos anos 20 acreditava que tal abundância não teria fim, porém, ao longo da década, os demais países que antes

⁷² MEYERS, Jeffrey. *Scott Fitzgerald: uma biografia*/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. P. 106.

necessitavam da industrialização vinda do solo norte-americano, conseguem se consolidar e deixam de depender exclusivamente dos EUA, gerando assim excesso de produção, culminando em um dos principais pontos para a Queda da bolsa de 29.

A mediocridade do protagonista, como expressa Meyers representa, assim, a ausência de preocupação da sociedade vislumbrada com uma falsa percepção de desenvolvimento ávido e infundável. Fitzgerald que logo percebe os problemas da *high society* e após longas noites de festa com sua esposa Zelda em Great Neck, se direciona à Europa, mais especificamente para a França, para escrever seu exemplar mais crítico, ao qual contestará o “Sonho americano” tão propagado. Fitzgerald elabora seu juízo através da figura do narrador do romance, Nick Carraway, primo de Daisy, graduado de Yale, que se muda para West Egg em Long Island, em busca de oportunidades. Em Long Island se aloca ao lado da mansão do enigmático Gatsby, e à medida que se aproxima do vizinho, descobre que o motivo das grandiosas festas e toda a fortuna do homem tem um único propósito: reconquistar seu antigo amor, a prima de Nick.

Concentrando-se principalmente na crítica ao “Sonho americano”, ao ler o livro percebemos que todos os personagens principais da obra estão mergulhados na busca deste sonho. Gatsby tem seu sonho representado na recriação de um passado que não existe mais e o desejo de ter Daisy de volta; O sonho americano na figura de Daisy é representado na futilidade e ausência de moral das altas elites da época. No livro *O grande Gatsby*, no primeiro capítulo, em uma cena em que Nick visita sua prima, em determinado momento, Daisy desabafa com o narrador do romance e conta que passou por uma fase difícil que acabou por reformular o modo como compreendia as coisas. Então ela diz:

Escute, Nick, deixa eu te dizer o que falei quando ela nasceu. Quer ouvir?

— Muito.

— Isso vai fazer você entender como passei a ver... as coisas. Bom, ela tinha nascido fazia menos de uma hora e sabe lá Deus onde o Tom estava. Acordei da sedação com uma sensação de completo abandono, e na hora perguntei para a enfermeira se era menino ou menina. Ela disse que era uma menina, e então eu virei o rosto e chorei. “Tudo bem”, eu disse, “Fico feliz que seja uma menina. E espero que seja uma tola... É a melhor coisa que pode acontecer para uma menina neste mundo, ser bonita e tola”. Está vendo? Eu acho tudo horrível de qualquer jeito — ela continuou, convicta. — Todo mundo

pensa assim, as pessoas mais avançadas. E eu sei. Estive em toda parte e vi de tudo e fiz de tudo. — Os olhos dela cintilaram ao observar o entorno desafiadoramente, como tinham feito os de Tom, e ela riu com um desdém arrebatador. — Sofisticada... Meu Deus, eu sou sofisticada! (FITZGERALD, 2020, pp.41-42)⁷³

Esta conversa entre Daisy e seu primo aponta as transformações das convenções sociais, estimuladas, em parte, devido aos sentimentos que ebulliram com o horror da guerra. A percepção da fragilidade da vida, a contemplação da juventude, os medos, a impotência e as demais emoções resultam no hedonismo que marca a década. As mulheres também aproveitam desses sentimentos para reformular a compreensão acerca da atuação do gênero feminino na sociedade, guiadas graças à ratificação da 19ª Emenda da Constituição dos EUA, que concedia o voto às mulheres e às *Flappers*.

A historiadora Kimberly Jensen em seu livro “*Mobilizing Minerva: American women in the first world war*” (2008), destaca que a atuação das mulheres, operando como enfermeiras ao decorrer da Grande Guerra, fomentaram a ebulição do debate acerca a atuação feminina e ampliação deste desenvolvimento, ao passo que receberam grande apoio das organizações sufragistas para a continuidade dos trabalhos. Está busca possibilitou a percepção de que podiam contribuir economicamente à sociedade e que, após o fim da Guerra, poderiam continuar trabalhando. Porém, as conquistas obtidas posteriormente à presença feminina na Guerra, de acordo com Jensen, se expressaram focalizadas apenas na inserção e oportunidade de trabalho, mas a equidade de gênero ainda era desigual.

As defensoras do sufrágio fora da profissão associaram a sua própria luta pela igualdade institucional e pelo direito ao voto à luta pela patente militar para as enfermeiras. Ao verem a situação das enfermeiras militares sem patente, as sufragistas viram um reflexo das suas próprias preocupações com as mulheres sem direito a voto como pseudo cidadãs tinham uma relação ambígua e auxiliar com o Estado. Para elas, a questão da patente era um debate explícito sobre a definição das mulheres e a sua relação com os homens e as instituições

⁷³ FITZGERALD, Francis Scott. O Grande Gatsby. Antofágica, 2020. Pp.41-42

masculinas. As organizações sufragistas ofereceram um apoio claro e ativo à patente para as enfermeiras militares. (JENSEN, 2008, p.121)⁷⁴

Percebe-se que o modo como os Estados Unidos agiram ao decorrer dos “Loucos anos 20” são decorrência direta dos efeitos da Primeira Grande Guerra. No âmbito da emancipação feminina, a historiadora afirma:

Em suma, as ações das médicas, enfermeiras e mulheres de armas da época da Primeira Guerra Mundial oferecem importantes estudos de caso na história da busca por direitos de cidadania plenos e são capítulos importantes na história do movimento global de combate à violência contra as mulheres. (JENSEN, 2008, p.175)⁷⁵

Em contrapartida, o fervor das propagandas na década de 20, ocultavam a busca de uma ascensão trabalhista feminina, evocando a imagem da dama frívola, como Zelda. Neste cenário se destaca as Melindrosas. Como ficaram conhecidas, eram jovens mulheres brancas e classe média que buscavam quebrar os padrões estabelecidos na época. Gritando por liberdade e autonomia, abolindo os espartilhos e usando vestidos retos com pouco comprimento, maquiagem marcante, cabelos curtos, adotando o corte *à la garçonne*, inspirando-se em figuras marcantes da década.⁷⁶

A ampliação da participação feminina se encontrou até mesmo na prática do esporte, à exemplo da tenista francesa Suzanne Lenglen, que se tornou a primeira atleta mulher a se tornar uma célebre esportista global, vencendo inúmeras competições ao decorrer da década de 20⁷⁷. Seu sucesso estimulou a criação de coleções de trajes por Jean Patou – estilista que desenvolveu o cruzamento da moda com trajes esportivos – popularizando assim o *sportwear*⁷⁸. A popularidade da tenista é percebida em *O Grande Gatsby*, servindo de inspiração na criação da personagem Jordan Baker, golfista e interesse romântico de Nick Carraway.

⁷⁴ JENSEN, Kimberly. Mobilizing Minerva: American Women in the First World War. Urbana: University of Illinois Press 2008, p. 175.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 175

⁷⁶ A revolução das flappers: a moda como manifesto. Mateus Sanches, 2025. Disponível em: <https://notthesamo.com/zine/a-revolu%C3%A7%C3%A3o-das-flappers-a-moda-como-manifesto> Acesso em: 05 de ago. 2025.

⁷⁷ PIMENTA, Maria Cecília Gonçalves. A moda ilustrada: Costumes e hábitos femininos da década de 1920. Anais do XIX EAIC – 28 a 30 de outubro de 2010, UNICENTRO, Guarapuava –PR.

⁷⁸ *Sportwear* é um estilo de vestuário que combina peças de roupa esportiva com um design casual, priorizando materiais leves e cortes que facilitem a movimentação fluida. Este estilo se populariza na década de 20, através dos trajes da tenista Suzanne Lenglen, criados por Jean Patou.

Gatsby representa um personagem complexo, não totalmente voltado à futilidade, pois era movido pelo amor puro – do qual Daisy não soube valorizar. Ele não queria que Daisy descobrisse seu trabalho obscuro. Tinha receio de revelar a sujeira escondida por trás das festas que organizava. Percebendo isso, Tom revela sobre a vida secreta de Gatsby, que ele é um contrabandista: “Quando nós nos vimos pela primeira vez, eu já imaginei que se tratava de um contrabandista, e não estava de todo errado.” (2020. p. 170).⁷⁹ O desencadeamento desta cena expressa poeticamente a realidade cruel do sonho americano de que não se pode conquistar tudo a qualquer custo; apontando uma analogia de que a vida boêmia da classe alta nos anos 20 e seu declínio da moral, trariam consequências devastadoras, ao qual, Fitzgerald expressa em seu trabalho:

A expressão passou, e ele começou a falar agitado com Daisy, negando tudo, defendendo seu nome contra acusações que não tinham sido feitas. Mas a cada palavra ela se recolhia mais e mais em si mesma, de modo que ele acabou desistindo, e apenas o sonho já morto seguia combatendo enquanto a tarde fugia, tentando tocar algo que não era mais tangível, lutando de modo infeliz, sem desanimar, para chegar àquela voz perdida do outro lado da sala. (FITZGERALD, 2020, p. 170)⁸⁰

A fala de Daisy, bem como o sonho de Gatsby, representam as críticas do autor perante a ideia do “Sonho Americano” e revelam a farsa da narrativa, pois mesmo pertencentes à classe alta, também se iludiram com o pressuposto de um desenvolvimento abundante. Ao contrário de Fitzgerald, que, como já visto, elaborava suas críticas à sociedade de modo poético, outro escritor famoso da época foi Sinclair Lewis. Denunciando as ilusões que pairavam no ar ao decorrer da década de 20, mais explicitamente, era conhecido pelas obras *Main Street* (1920) e *Babbitt* (1922). Livros com estilo mais direto e realista, destacavam os desenvolvimentos da industrialização e modernização, as tendências fascistas da burguesia, o racismo e a corrupção nas igrejas.⁸¹

A juventude ao longo da história se constituiu como uma fase de rebeldia, anseio por liberdade, contravenção, construção de valores e identidade. Após a Grande Guerra, o maior evento já vivenciado pela juventude do início do século XX, a narrativa do *American Dream* e

⁷⁹ FITZGERALD, Francis Scott. O Grande Gatsby. Antofágica, 2020. P. 170.

⁸⁰ Ibid. 170.

⁸¹ Sinclair Lewis, o anatomista da sociedade norte-americana. 2025. Disponível em: <https://dossieco.org.br/sinclair-lewis-o-anatomista-da-sociedade-norte-americana/> Acesso em: 05 de ago. 2025.

a bonança econômica do país possibilitam a realização dos desejos juvenis e a busca por escapismo. Posteriormente às descrições das festas e da concretização dos desejos por Fitzgerald, muitos críticos afirmavam que o romancista esgotara a representação da sociedade norte-americana, porém, ao proferir tais afirmações, ignoravam o esforço dele em desmascarar o ideal do “Sonho americano”, que tanto suscitou euforia na juventude do pós-guerra. No círculo social do escritor, em especial, juntamente aos contemporâneos da “Geração perdida”, se debruçavam em escrever sobre as consequências da guerra e os sentimentos que afloraram junto a ela, mas principalmente, críticas a falsa narrativa do sonho americano através da queda moral da sociedade e a futilidade.

Planejando o romance desde junho de 23, dizia a seu editor, Perkins: “Quero escrever algo novo — algo extraordinário, belo, simples e com padrões intrincados”.⁸² Após o lançamento de *O grande Gatsby* – que não obteve sucesso comercial -, o romancista adentra sua queda. Posteriormente à morte de Scott Fitzgerald, em 1940, a busca pela consolidação da reputação do escritor fica sob a responsabilidade do velho amigo de Princeton, Edmund Wilson. O maior romance de Fitzgerald é redescoberto na Segunda Guerra Mundial, ao ser selecionado para compor uma das “edições das forças armadas” para os soldados lerem no exterior, mas se populariza somente na década de 50.

Por conseguinte, ao relacionarmos Literatura e História, um dos principais pontos que devem ser analisados para auxiliar-nos na compreensão das obras de determinado autor, se dá em abranger o período em que o autor se encontra, bem como as transformações e ideias que embasavam a sociedade. A conjuntura social se reflete em nós intrinsecamente, nos moldando e construindo nossa percepção do meio em que vivemos. Por conviver com as altas classes da Era do Jazz, e por se consolidar socialmente por meio de uma rede de escritores, pensadores e críticos do meio artístico - deter o Capital Social e Cultural, categorias ideológicas de Bourdieu -, Fitzgerald consegue desenvolver sua crítica à sociedade através de suas obras.

Os Estados Unidos, ao longo da década de 20, vivem um momento de prosperidade e possibilidades de futuro. Ao desencaminhar da década, percebe-se que tal abundância é efêmera, pois embora alguns avanços tenham sido conquistados, a crença na liberdade e igualdade não passavam de um slogan cativante, porém ilusório. Gatsby, sonhador, estimulado

⁸² Gatsby, 35 anos depois. Arthur Mizener, 1960. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/12/24/specials/fitzgerald-gatsby60.html> Acesso em: 05 de ago. 2025.

pela luz verde que avistava do outro lado do cais, que representava a esperança da realização do que tanto almejava, fez de sua vida uma busca para reconquistar algo que já não existia. Diretamente influenciado pelo contexto social de sua época - que tanto apresentava novidades -, Fitzgerald escreve seu terceiro livro salientando as contradições do *American way of life*. *Gatsby* representa os Estados Unidos e a propagação do “Sonho americano”, ao mesmo tempo que representa a crítica a tal modelo, quando manipula seu sonho, buscando a autorrealização, mas que acaba frustrado.

V - ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Mediante a categoria de Licenciatura neste curso de graduação em História, é esperado que ao final da graduação, o discente elabore um trabalho de conclusão de curso, que expresse o aprendizado e aplicação do rigor necessário à área de atuação. Neste caso, em um curso de licenciatura, a construção de um material didático.

A partir desde projeto de pesquisa, que visa apresentar as relações entre Literatura e História, por meio dos livros de Francis Scott Fitzgerald, para entendimento dos Estados Unidos na década de 1920, com enfoque no volume de 1925, *O grande Gatsby*, proponho como material didático, a construção de um livreto. O livreto se caracteriza como um pequeno livro compacto, que apresenta as informações organizadas como guias ou manuais. Visualmente elaborados, contendo fotos, gráficos e textos objetivos, o livreto se destaca pela versatilidade e impacto estético.

Este livreto terá por princípio utilizar os conhecimentos obtidos por meio desta pesquisa para a confecção do material a ser utilizado como um exemplar de como utilizar a literatura enquanto fonte documental em sala de aula. Inicialmente, via uma contextualização histórica, apontar quais fatores possibilitam o uso da literatura e diversas outras produções e intervenções humanas enquanto artifícios de auxílio ao historiador – dando ênfase à própria consolidação da disciplina enquanto um campo científico, para além da narrativa nacional e à Escola dos Annales. Após esta apresentação inicial, elaborar os critérios de análise da literatura por meio de tópicos explicativos. Tais critérios refletem os pontos indispensáveis ao que tange a compreensão por meio da literatura, entre eles: A apuração do autor(a) - englobando as influências, círculo social, ideologias e convicções pessoais – e do meio social - o tempo em que o respectivo sujeito está inserido e os acontecimentos históricos. Adiante, utilizar o material

desenvolvido a partir das análises das obras de Fitzgerald para exemplificar o livreto. Por meio dos três primeiros lançamentos do romancista, que correspondem à década de 20, ilustrar aos alunos como podemos compreender os *Roaring twenties* por meio de tais livros, por meio de imagens das personalidades da época, recortes de jornal e propagandas, fotografias e demais registros.

Contudo, a proposta do livreto seria um material palpável que possibilitaria a compreensão dos Estados Unidos na década de 20, unindo o conhecimento histórico, o imaginário que se consolidou sobre este período e o relato da vida e das produções de Fitzgerald.

VI - CONCLUSÃO

Em conclusão, este trabalho intitulado “Fitzgerald, a Festa do Gatsby e o Sonho Americano: relações entre literatura e história nos Estados Unidos da década de 1920” se propôs a apresentar as possibilidades do aprendizado histórico mediante a literatura, destacando a atuação e os trabalhos do famoso romancista norte-americano, Francis Scott Key Fitzgerald – autor de obras que sintetizam o fervor dos *Roaring Twenties* e as contradições presentes no decorrer da década de 20 nos Estados Unidos.

Abordando a trajetória do autor, foi possível perceber como toda conjuntura social na qual ele estava inserido teve efeito sobre sua escrita, permitindo-o narrar a transformação e o desenvolver dos Anos 20, principalmente a partir dos três primeiros livros, lançados ainda na década de 20, nos quais, com apenas cinco anos corridos, já acompanhamos a derrocada do brilho tão elogiado ao alvorecer da Era do Jazz, em 1920.

Consequência direta da Primeira Guerra Mundial, os Anos 20 nos Estados Unidos, serviram como o momento de profusão, alegria e escapismo necessário àqueles que se depararam com o horror do maior acontecimento do novo século que acabava de se iniciar. Fitzgerald não deu devida importância a tal acontecimento, o que se expressa no estilo narrativo que optou para seus escritos, contrário aos seus colegas escritores que narravam as consequências desastrosas da guerra, os medos, traumas e frustrações dos jovens e as dificuldades das comunidades pobres, negras e menos assistidas da sociedade. Por sua vez, Fitzgerald escolheu narrar o apetite selvagem e as possibilidades que afloravam com a virada da década.

Preferindo as alegrias à tristeza, as possibilidades ao ordinário, as festas às lamentações, “*Este lado do paraíso*” falou à juventude de modo instantâneo, se tornando “a voz de uma geração” ou como disse Edwin Clark à *The New York Times* na primeira crítica de “*O grande Gatsby*”, “O filósofo das melindrosas”⁸³. O autor convidava ao otimismo, pois o país vira a se tornar a potência global do desenvolvimento frenético e do progresso, mas à medida que lemos, mesmo com a positividade, conseguimos perceber a melancolia intrínseca nas linhas do romance, e também no interior de cada um.

“*Os belos e malditos*”, escrito já em um período de ascensão da figura de Fitzgerald e de sua esposa, Zelda, representa o amadurecimento e obscuridade das situações experimentadas pelo autor. Seu segundo livro apresenta uma crítica feroz ao espírito consumista e o nacionalismo do dinheiro, ao qual Fitzgerald percebe a felicidade efêmera e ilusória e a decadência social e moral. O personagem principal deste segundo escrito é Anthony, um rapaz que tem por estímulo de vida, aguardar o falecimento de seu avô e a promessa da herança que viria como consequência. O protagonista assim como o círculo social que Scott havia interação e pertencia, viviam do deleite de esbanjar e agir de modo fútil e delinquente.

Posteriormente a publicação de “*Os belos e malditos*”, em Great Neck conhece Tommy Hitchcock e Herbert Swope. As festas do Sr. Swope expressavam a grandeza e a vida boemia da elite, e por meio destas festas, Fitzgerald encontrou a fagulha necessária para dar início a seu próximo projeto – que viria a ser seu melhor romance e representaria o encapsulamento literário dos Loucos anos 20. “*O Grande Gatsby*”, neste livro Fitzgerald reúne todo seu arsenal referencial para elaborar a crítica a Era do jazz.

Com personagens obscuros e complexos, metáforas e uma narração extremamente fidedigna as erupções agitadas dos *Roaring twenties*, o jovem autor com seus vinte e oito anos, desmascara a farsa do Sonho Americano. Contrário aos princípios propagados à sociedade norte-americana, como, a terra da liberdade, ascensão e oportunidade – numa reformulação capitalista do lema da Revolução Francesa -, através do protagonista Gatsby, Fitzgerald revela que tais ideais eram hipócritas e enganosos. Contrariamente, o sentimento de prosperidade era turvo e reduzido à futilidade. Gatsby se corrompe para alcançar a realização de seu sonho, se frustra quando percebe que tal sonho nunca seria concretizado e acaba morto pelo mesmo sonho.

⁸³ CLARK, Edwin. Scott Fitzgerald analisa a meia-idade. *The New York Times*, 19 de abril de 1925. Disponível em: https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/12/24/specials/fitzgerald-gatsby.html?_r=2. Acesso em: 08 de jan. 2026.

Assim também foram os Estados Unidos ao decorrer dos anos 1920. Após a barbaridade da guerra, se macula ao criar o nacionalismo consumista, viver exacerbadamente e impulsionar um padrão de vida banal e disparatado por meio de um falso slogan de prosperidade perpétua. Com efeito, tem seu fim com a queda desastrosa que culmina na Grande Depressão.

Francis Scott Key Fitzgerald, utilizando sua literatura, relata como era a vivência em seu país nos anos de sua juventude, apontando as características que se destacavam naquele tempo para o enriquecimento de sua literatura. Ao nos depararmos com seus livros, podemos perceber nitidamente as influências do tempo e da sociedade em seus cenários, abordagens e personagens. Mais do que ser considerado o narrador do *Roaring Twenties*, Era do Jazz ou Loucos Anos 20, Fitzgerald e suas obras expressam e reafirmam as possibilidades do aprendizado histórico mediante a literatura, permitindo-nos refletir como a sociedade com seus aparatos ideológicos, culturais, comportamentais, morais, políticos e midiáticos nos influencia, nos molda e se materializa nas fontes históricas que produzimos, entre elas, os livros. Concluindo meu manifesto neste trabalho de conclusão de curso, quando Louis de Bonald afirma que “A literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem”, ele nos mostra que a produção de literatura é uma necessidade, algo inato das sociedades e componente fundamental para sua amplitude e reafirmação. Portanto, cultivemos e reiteremos a importância da literatura em nosso meio, instrumento que nos permite transcender, nos transforma, nos rege rumo ao aperfeiçoamento cognitivo, social, criativo e na expressão de nossas almas.

VII - REFERÊNCIAS

A revolução das flappers: a moda como manifesto. Mateus Sanches, 2025. Disponível em: <https://notthesamo.com/zine/a-revolu%C3%A7%C3%A3o-das-flappers-a-moda-come-manifesto> Acesso em: 05 de ago. 2025.

ADAMS, James Truslow. *The Epic of America*. Triangle Books, New York, 1941.

Al Capone. FBI, 2016. Disponível em: <https://www.fbi.gov/history/famous-cases/al-capone> Acesso em: 04 de Jul. 2025.

ARTHMAR, Rogério. Os Estados Unidos e a economia mundial no pós-Primeira Guerra. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n° 29, 2002, p. 97-117.

BOURDIEU, Pierre. Doxa literária e resistência à objetificação. In: As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

CLARK, Edwin. Scott Fitzgerald analisa a meia-idade. The New York Times, 19 de abril de 1925. Disponível em: https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/12/24/specials/fitzgerald-gatsby.html?_r=2. Acesso em: 08 de jan. 2026.

FITZGERALD, Francis Scott. Este lado do paraíso; tradução de Brunno Silveira; prefácio de Daniel Piza. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

FITZGERALD, Francis Scott. Os Belos e malditos; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

FITZGERALD, Francis Scott. O Grande Gatsby. Antofágica, 2020.

FREITAS, Vamberto. Edmund Wilson e Nova York nos anos 20. **Wordpress**, 20 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://vambertofreitas.wordpress.com/2019/12/20/edmund-wilson-e-nova-iorque-nos-anos-20/> Acesso em: 18 de jul. 2025.

GARCIA, Claudia. Anos 20: A era do jazz. Almanaque Folha. São Paulo. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/anos20.htm>. Acesso em: 14 de nov. 2025.

Geração Perdida. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gera%C3%A7%C3%A3o_Perdida Acesso em: 18 de jul. 2025.

Gatsby, 35 anos depois. Arthur Mizener, 1960. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/books/00/12/24/specials/fitzgerald-gatsby60.html> Acesso em: 05 de ago. 2025.

HELG, Aline. **A sociedade americana na década de 1920**. Baripedia, 2023. Disponível em: https://baripedia.org/wiki/A_sociedade_americana_na_d%C3%A9cada_de_1920#:~:text=A%20publicidade%2C%20em%20particular%2C%20desempenhou,consideravelmente%20ao%20longo%20dos%20anos Acesso em: 23 de jul. 2025.

Herbert Bayard Swope. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Herbert_Bayard_Swope Acesso em: 22 de jul. 2025.

HOBBSBAM, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991 / Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Imigração sem limites. **Imigração durante os loucos anos 20**, 2024. Disponível em: <https://www.boundless.com/blog/roaring-20s/> Acesso em: 24 de jul. 2025.

Jean Patou: o estilista que levou o esporte à alta-costura. Gabriel Fusari, 2023. Disponível em: <https://elle.com.br/moda/a-historia-de-jean-patou-e-sua-moda-esportiva> Acesso em: 14 de nov. 2025.

JENSEN, Kimberly. Mobilizing Minerva: American Women in the First World War. Urbana: University of Illinois Press 2008.

KEYNES, John M. 2000. "Uma análise econômica do desemprego". Revista Perspectiva Econômica, Vitória, U1-ES. v. I, n. O. p. 7-34.

KOSELLECK, Reinhard. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos / Reinhart Koselleck ; tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão da tradução César Benjamin. - Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEAL, Carla Marinho. **Clara Bow: Conheça a História da Primeira “It Girl” do Cinema Mudo**. Cinema clássico, 2016. Disponível em: <https://cinemaclassico.com/curiosidades/clara-bow-the-it-girl/> Acesso em: 23 de jul. 2025.

MATOS, Júlia Silveira. Da Escola dos Annales à História Nova: propostas para uma leitura teórica. Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia V. 4, N.1, janeiro-julho de 2013.

MEYERS, Jeffrey. **Fitzgerald e Hemingway: uma amizade torturada**, 2020. Disponível em: <https://www.thearticle.com/fitzgerald-and-hemingway-a-tortured-friendship> Acesso em: 24 de jul. 2025.

MEYERS, Jeffrey. Scott Fitzgerald: uma biografia/Jeffrey Meyers; tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. O que pode o ensino de História? Sobre o uso de fontes na sala de aula. Anos 90, Porto Alegre, v. 15, n° 28, 2008.

PIMENTA, Maria Cecília Gonçalves. A moda ilustrada: Costumes e hábitos femininos da década de 1920. Anais do XIX EAIC – 28 a 30 de outubro de 2010, UNICENTRO, Guarapuava –PR.

Quinta-feira Negra. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Quinta-Feira_Negra Acesso em: 25 de jul. 2025.

SIMON, Silvana Aline Soares. Do Isolacionismo ao Intervencionismo: A participação dos Estados Unidos nas Grandes Guerras Mundiais do século XX (1914-1945). Videre, Dourados, MS, ano 3, n. 6, p. 69-85, jul./dez. 2011.

Sinclair Lewis, o anatomista da sociedade norte-americana. 2025. Disponível em: <https://dossiico.org.br/sinclair-lewis-o-anatomista-da-sociedade-norte-americana/> Acesso em: 05 de ago. 2025.

Sonho americano. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sonho_Americano#cite_note-LOC-1 Acesso em: 23 de jul. 2025.

WOOTTEN, Devon. **O que a luz verde simboliza em O grande Gatsby**, 2023. Disponível em: <https://www.collegetransitions.com/blog/what-does-the-green-light-symbolize-in-the-great-gatsby/> Acesso em: 24 de jul. 2025.